

Bianca Briones



O Amor
é a Magia
Mais Forte

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Bianca Briones

O Amor
é a Magia
Mais FORTe

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Bianca Briones, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024

Preparação: Wélida Muniz
Revisão: Bruna Brezolini e Camila Gonçalves
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa e ilustração: Marina Banker

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Briones, Bianca

O amor é a magia mais forte / Bianca Briones. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.

224 p. : il.

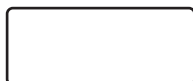
ISBN 978-85-422-2794-9

1. Ficção brasileira 2. Literatura fantástica I. Título

24-3292

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 — 4º andar — Consolação
01415-002 — São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO 1

APROXIMADAMENTE MIL ANOS DEPOIS...



GAROTA SALTOU SOBRE OS TELHADOS COR DE ANIL DO CASTELO. Os cabelos escuros como ébano balançaram ao vento, que trazia consigo o cheiro da chuva que se aproximava. O coração batia forte quando ela aumentou a velocidade, destemida, correndo pela borda do telhado, equilibrando-se com destreza sobre as telhas. Adrenalina disparou pelo seu corpo. Ela se movia com a suavidade de um gato, saltando por cima de pequenas chaminés e arcos, desafiando as alturas.

A vista lá de cima era incrível, com a cidade se espalhando abaixo e as torres do castelo se erguendo ao redor, mas não era hora de parar e admirar a paisagem. Ela tinha coisas mais importantes a fazer.

— Branca de Neve Pendragon, já chega de desafiar a gravidade. — A voz de Kaelenar soou. Ao olhar para baixo, viu o capitão da guarda com as mãos em volta da boca, amplificando o som.

A resposta de Branca de Neve foi apenas sorrir e acenar, como uma dama educada, antes de dar mais alguns passos e deslizar pelo telhado para pular na torre do segundo andar.

— Último aviso, princesa — o capitão disse, enquanto os guardas ao seu redor sequer disfarçavam que apostavam por quanto tempo mais a princesa continuaria.

Naquele milésimo de segundo de distração, a garota deu um passo em falso e se desequilibrou. Sentiu o coração disparar. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, Branca sentiu que despencaria em queda livre.

No último segundo, conseguiu se sustentar precariamente em uma das madeiras grossas que seguravam as flâmulas do castelo. O ar frio lhe fustigou o rosto enquanto o vento soprava suas roupas. Quando já estava prestes a soltar a viga e se espatifar no chão, sentiu um ar quente a envolvendo e a levando gentilmente para cima de uma carroça cheia de feno.

Ouviu um baque e, ao virar a cabeça, viu uma das criadas desmaiar e ser amparada por um guarda. Tossindo, Branca de Neve se sentou e tirou feno da boca.

— Eu teria conseguido, Kae! — a princesa reclamou, saltando da carroça.

— Se por conseguir você quis dizer morrer, então teria. — O feiticeiro do ar sorriu e estendeu-lhe a mão para que pudesse descer da carroça.

A princesa colocou as mãos nos quadris e estalou as costas. Suas bochechas estavam coradas e os olhos brilhavam. Os guardas do castelo a observavam, e a maior parte deles sorria, menos um que quase lhe acertara com uma flecha na primeira vez que ela decidiu escalar os telhados, aos dez anos. Ela entendia o homem. O avô o teria executado se Kaelenar não estivesse atento para desviar a flecha no ar.

— Por que não age como todas as princesas indefesas das histórias que passei anos contando para você dormir? — Kaelenar passou a mão pelos dreads curtos.

— Eu gostava mais das suas histórias sobre guerreiras — ela rebateu, ao retirar uma palha de feno do cabelo.

O capitão sorriu para a pupila. Nunca saberia se a decisão de afastar Branca de Neve do reino de Encantare durante quatro anos tinha sido acertada. Com a morte da mãe da princesa, a doença do pai e uma maldição sobre a cabeça da menina, levá-la para longe tinha lhe parecido o ideal.

Havia séculos que a Ordem de Merlin tinha um departamento para criar e proteger princesas que não deveriam crescer sabendo que eram princesas. A ignorância as mantinha em segurança. Era padrão para princesas e príncipes amaldiçoados e funcionava bem, na maioria das vezes.

Antes da morte da mãe de Branca de Neve, sete feiticeiros protegiam o reino em tempo integral. Eram conhecidos como os Sete Guardiões de Encantare. Agora, restavam apenas quatro, incluindo Kaelenar. Treinado para a guerra, ele era o protetor do castelo. Como tal, não deveria deixar o reino, mas foi o único em quem o príncipe Adrian confiara depois da tragédia que envolvera a morte da princesa Sarah. O capitão tinha uma forte opinião sobre aquele dia fatídico,

mas sabia que se a expusesse, Adrian afastaria qualquer feiticeiro da princesa e, assim como os outros seis, ele tinha um dever a cumprir.

Entre os Sete Guardiões havia feiticeiros que descendiam diretamente de Merlin, e eles eram os responsáveis por proteger pessoalmente o rei e seus herdeiros. O dever do escolhido era colocar o protegido acima de qualquer outro. Um Pendragon deveria governar Encantare, e todos os membros da Ordem de Merlin faziam de tudo para que isso se mantivesse.



Por ser um reino onde a magia se expandia, Encantare era um lugar de muito poder e, por consequência, cobiçado. A magia se espalhava pelas águas dos rios, fluuava entre os ventos e se infiltrava pelas raízes das árvores.

Quando decidiu cair do universo que os deuses tinham como morada, Eris não se apresentou como divindade, mas como uma jovem senhora muito humilde. Ela caminhava entre os povos e os observava, enquanto eles sequer imaginavam que aquela mulher maltrapilha era capaz de transformar o mundo inteiro com apenas um suspiro.

Feiticeiros e bruxos eram conectados à magia de formas diferentes. Como seres imortais escolhidos pela magia, o poder dos feiticeiros fluía de modo natural e estava intrinsecamente conectado a cada força da natureza. Os bruxos não nasciam com magia tampouco eram imortais, salvo raríssimas exceções. Para eles, a conexão com a magia era arriscada, mas humanos tinham facilidade em cruzar fronteiras desconhecidas em nome de mais poder.

Quando os primeiros deuses caíram e fizeram do mundo sua morada, a magia se espalhou, rasgando terra e mar. Parte dessa energia acumulada se enraizou à natureza e floresceu, transformando-se em seres mágicos. A outra parte se espalhou em frações infinitas. Um bruxo era um humano que aprendia a se conectar e manipular essas partículas espalhadas, usando elementos da natureza como ingredientes e guias pelo caminho. A essa magia foi dada o nome de *luminus*. Porém, como tudo na vastidão dos universos era formado por luz e sombras, ao cair para o mundo humano, os deuses também trouxeram suas sombras, cujo poder era chamado de *tenebris*.

Com o tempo, humanos sem magia descobriram um meio de se conectar à *tenebris* e praticar a arte com essa energia. A partir daí que bruxos e feiticeiros deixaram de conviver em harmonia.

Os chamados bruxos *tenebris* não mediam esforços para captar mais e mais poder, não importava a fonte. Eles se infiltravam em covens de bruxos *luminus* e tentavam corrompê-los.

— Em que século estão seus pensamentos? — Branca de Neve perguntou, observando Kaelenar com seriedade. Ele era o contador de histórias preferido da princesa, mas essa ele guardaria para si.

— Eu estava pensando que não posso reclamar das suas peripécias, já que fui eu que a ensinei a escalar. — Ele sorriu.

— Eis uma verdade, Kae. Se pensarmos bem, você me ensinou a fazer praticamente todas as coisas que meu pai e meu avô reclamam que eu faço.

— É melhor mantermos isso entre nós. — Kaelenar apertou o nariz de Branca de Neve como se ela ainda fosse uma menininha, e os dois riram, entrando no salão do castelo.

Do alto da janela do terceiro andar, Adrian balançava a cabeça para mais uma das aventuras da filha, agradecendo a deusa por vê-la feliz, ainda que fosse em uma situação de perigo supervisionada. Para dar à menina a sensação de liberdade, permitia que ela fizesse absolutamente tudo, desde que estivesse acompanhada por alguém que soubesse o que fazer se a bruxa que matou sua mãe retornasse.

Era como se Adrian também tivesse morrido naquela noite. Jamais se esqueceria da imagem de Sarah com o peito aberto e o coração arrancado. Por quase quatro anos, era como se a mente do príncipe tivesse se perdido. Pelo reino, corria o boato de que ele enlouquecera. Ninguém sabia dizer ao certo o que mudara quando, certa manhã, o príncipe acordou, banhou-se, colocou sua melhor roupa e avisou que buscaria Branca de Neve onde quer que ela estivesse. Ele havia reunido forças para sobreviver por sua filha; parte sua, parte de Sarah. Ela era a cópia da mãe, incluindo a pele extremamente clara. Do pai, havia herdado apenas os bastos cabelos pretos.

Sabendo que Branca de Neve estava segura no castelo, ele se afastou da janela, vestiu a capa escura e lisa, com um único dragão coroado bordado em prata na altura do coração, e se preparou. Era hora de enfrentar o passado.

CAPÍTULO 2



MAIA SENTIA A PELE ARDER E O SANGUE PARECIA PEGAR FOGO EM suas veias. Sem dúvida, o veneno já se espalhava. Mas ela precisava correr mais rápido ainda, senão seria capturada. Sem forças para se desviar dos galhos espinhosos, sentiu um corte na bochecha. Juntou o pouco de energia que ainda lhe restava para erguer a mão e direcionar um feixe de luz lilás e prateada para a frente, tentando abrir parte do caminho adiante.

A floresta densa dificultava a passagem, e ela se cansava mais a cada segundo. Não sobreviveria por muito mais tempo. O suor escorria por sua testa e fazia seus olhos arderem. Precisava continuar. Seu único alento vinha do enorme lobo branco que corria a seu lado, pronto para defendê-la caso fossem alcançados.

O som da voz grave de seus perseguidores aumentou a velocidade de seu coração. Ela tentou mover mais galhos com magia e eles apenas estremeeceram.

— Só mais um pouco — murmurou, erguendo a mão e afastando os galhos com os fios de energia que a percorriam.

Mal acreditou quando chegou a uma clareira e usou o pouco de magia que conseguiu reunir para fechar parte do caminho às suas costas. Caiu de joelhos e apoiou as mãos na terra, arrastando-se para trás de uma rocha enorme. O lobo inspirou o ar gélido e a olhou, preocupado, tentando puxá-la para longe pelo seu manto rasgado e manchado de lama e sangue.

— Você precisa ir. — Maya acariciou seus pelos devagar, falando baixinho enquanto o animal balançava a cabeça em negação. — Eles o matarão para me levar. Fuja e avise Merlin, ela saberá o que fazer.

Com a insistente negativa do lobo, a feiticeira apoiou sua testa na dele e proferiu palavras na língua antiga dos feiticeiros. O lobo ergueu os olhos tristes, ganindo, e, em seguida, se embrenhou na mata.

Sozinha, Maya fez uma prece a Eris e tentou, inutilmente, formar um escudo de energia. Não havia nada que a magia pudesse fazer sem que lhe drenasse a vida. Todo o poder que lhe restava tentava combater o veneno que entrou em seu corpo por meio da flecha que a atingira no ombro.

O corpo cedeu ao cansaço e Maya se escorou na rocha. O frio começou a afetá-la, e ela caiu de costas no chão, respirando devagar. O ferimento ardia. Não conseguiria se curar. O arqueiro conhecia bem o veneno que usara.

A consciência tentava, em vão, manter-se alerta. Antes de tudo escurecer, viu um rosto de que jamais se esqueceria. Por um segundo, o reconhecimento, a compaixão e algo indescritível brilhou nos olhos dele ao vê-la tão vulnerável. O coração do homem ameaçou se descompassar por ela, mas era tarde demais. Ela não lhe tiraria mais nada, nem mesmo um único batimento.



A luz da manhã banhava o rosto de Maya quando ela abriu os olhos, piscando sucessivamente para se localizar. O corpo estava muito dolorido. Ela tentou se levantar rápido demais e tropeçou na longa camisola branca que vestia, o que fez o ferimento repuxar.

Viu o curativo no ombro e procurou a ponta com a unha, para arrancá-lo. A dor a fez cerrar os dentes. A ferida estava limpa e costurada, talvez obra dos feiticeiros híbridos, filhos de feiticeiros com humanos, que trabalhavam como curandeiros no castelo.

O coração parou quando mais um detalhe chamou sua atenção: em seus pulsos estava algo que não lhe pertencia. Ergueu os dois e viu ambos envoltos pelos Braceletes de Aran. Seu coração quase parou. Aqueles belíssimos braceletes prateados eram uma maldição criada pelo bruxo Aran. Ao usá-los, um

feiticeiro era incapaz de manifestar magia. Era um objeto nascido do ressentimento que alguns bruxos tinham por não serem mágicos como os feiticeiros. Enquanto os primeiros dependiam de objetos encantados, feitiços e poções, os últimos a manifestavam de forma natural desde bebês e ainda usufruíam do dom da imortalidade.

Apesar de Aran ter morrido havia mais de quinhentos anos, uma porção de seus braceletes estavam por aí, e eram muito temidos pelos feiticeiros. Não faltavam pessoas interessadas em aprisioná-los, fosse para bloqueá-los, fosse para escravizá-los.

Ela deslizou o dedo pelas runas gravadas no metal prateado. Aquela era a maior afronta que os humanos poderiam fazer com seres mágicos: aprisioná-los e impedi-los de usar magia livremente. Era pior do que a morte.

Uma voz vinda da porta fez Maya se sobressaltar.

— Pelo menos ele não usou os braceletes dourados. — Apontou a pessoa de longos cabelos azuis. — Ser obrigada a viver em uma lâmpada e atender pedidos é um castigo que não desejo nem a você.

Maya fez careta. O pensamento lhe embrulhava o estômago.

— Por que estou aqui, Nox? — A feiticeira encarou quem falava com ela, sem tempo para entrar na discussão que sabia que a cria da tia gostaria de ter. Ela estava exausta.

— Você já foi mais educada, Maya. Nem um “senti saudade, primo”?

— Você acreditaria se eu dissesse que senti sua falta? — Ela cedeu, lançando um olhar triste para os braceletes que o teriam comovido em outro tempo.

— Não.

— Então me diga por que estou aqui.

— Você tem uma audiência com o rei daqui a duas horas.

Era evidente que Maya não seria capturada e aniquilada sem ter antes uma audiência com o rei. Ao menos isso Mirthan lhe devia depois de fazê-la viver foragida em sua própria terra por quase dezoito anos.

— Sabe o que ele quer comigo?

— Imagino que queira matá-la. Você é uma assassina procurada. — Percebendo que ela não responderia, Nox continuou: — Eu ouvi Kaelenar e o príncipe dizendo que tem roupas para você aí. — Apontou para o guarda-roupa.

— O príncipe estava irritado. Você ainda tem um efeito avassalador por onde passa, não é mesmo? É de família. Falando nisso, minha mãe deve aparecer em breve.

— Por que deixaram que você me visse? — Maya imaginou que todos os feiticeiros estivessem proibidos de vê-la ou de ter contato com ela. Nox abriu um largo sorriso e ela intuiu a resposta e quase sorriu. — Não deixaram.

— Por sorte, eu já estava aqui. Mas você me conhece o suficiente para saber que não ligo para o que a realeza quer ou deixa de querer. — Nox cruzou os braços, desafiando-a a questionar a declaração.

Maya não faria isso. De todos os merlinianos, Nox era quem tinha mais dificuldade para aceitar a aliança entre eles e os Pendragon. Dizia que uma aliança deveria favorecer ambas as partes, e a realeza era a única favorecida com os feiticeiros protegendo o reino.

Até seu exílio, Maya discordava daquilo, mas, depois de tudo o que passou para proteger os humanos, e da forma como foi tratada, era difícil não ter certa simpatia pelo posicionamento de Nox.

— Então, o que você está fazendo aqui? — Maya não escondeu a curiosidade.

— Proteção extra para a princesinha — murmurou com desdém. — Cheguei há dois dias. Graças a Eris, não tive que lidar pessoalmente com ela ainda.

A menção a Branca de Neve apertou o coração de Maya.

— Como ela está?

— Viva e me obrigando a fazer o que prometi a mim mesmo que nunca faria: um juramento. É claro que essa parte também é culpa sua. — Nox deu de ombros. — É o máximo de informação que vai tirar de mim.



Escortada por guardas, Maya caminhou com o queixo erguido pelos corredores e parou em frente à enorme porta dourada. O rosto mantinha os arranhões que conseguira na floresta, mas ela estava limpa e bem-vestida. Os cabelos acinzentados foram penteados em uma trança e o vestido verde simples lhe caía bem. Mesmo sem poder manipular magia, ela estava dentro de si e podia sentir seus elementos à sua volta.

As portas pesadas foram abertas, e ela entrou, serena. Seu semblante não expressava sentimento algum.

A sala do trono era espaçosa com um teto alto e abobadado, cuja pintura expunha várias épocas importantes para o reino. As grandes janelas permitiam a entrada de luz natural, e Maya fechou os olhos por um instante, triste por não sentir o calor do sol fazendo sua magia vibrar. O piso de mármore branco estava coberto por tapeçarias finas, e as paredes exibiam cortinas luxuosas e pinturas majestosas da realeza.

Maya caminhou devagar, sem desviar os olhos do rei. Ele continuava bonito, apesar da passagem do tempo estar refletida no cabelo grisalho e nas rugas em seu rosto.

O trono estava centralizado na parede à frente, elevado em um estrado de madeira polida para destacar ainda mais a importância régia. Os tronos do rei e da rainha eram feitos de madeira branca decorada com entalhes e ornamentos preciosos. Havia décadas que o da rainha não era ocupado.

Quando se aproximou do trono e cruzou o olhar com o rei, observou os guardas fazerem uma reverência. Ela não se moveu. O rei Mirthan ergueu uma sobrancelha e mandou que os guardas deixassem o salão real. Pouco havia mudado no local desde a última vez que ali estivera.

— Como está se sentindo? — As palavras do rei a surpreenderam. — Soube que foi ferida enquanto vinha para cá.

— Minha perspectiva é um pouco diferente da sua, majestade. Eu não vim para cá. Fui caçada, capturada e trazida contra a minha vontade.

— Quanto a isso — ele balançou uma mão —, houve um mal-entendido.

As palavras a confundiram. Ele parecia dizer a verdade.

— A flecha, cujo veneno ainda fere meu corpo, conta outra história.

Entre o rei Mirthan Pendragon e a feiticeira, nunca houve cerimônia.

— É incrível como você não mudou nada. Ainda me surpreendo. — Ele sorriu, sincero. — Eu nasci, cresci, me tornei rei e envelheci, e você permanece jovem. Não é à toa que há pessoas que fazem tanto pela imortalidade.

— É por isso que estou aqui? Está interessado na imortalidade?

— Não. Ainda me lembro das suas lições sobre as consequências de um humano acessar esse tipo de poder. Não quero me tornar um ser da noite nem ser amaldiçoado, minha amiga.

— Se me permite, majestade — ela não tentou esconder o rancor em suas palavras —, amigos não sentenciam outros amigos ao exílio nem os capturam quase dezoito anos depois sem a menor tentativa de reconciliação.

O rei saltou do trono com tamanha vitalidade que fez Maya erguer uma sobranceira. Aos sessenta e quatro anos, ele ainda parecia o mesmo homem inabalável que ela vira nascer.

— Quanto a isso, eu lhe disse que foi um mal-entendido.

— E eu falei que esse ferimento a flecha no meu ombro dizia o contrário. — Ela puxou a gola do vestido para que Mirthan pudesse ver que, apesar de costurado, o corte se negava a cicatrizar e espalhava uma cor esverdeada pelas artérias que se conectavam a ele. — Seus guardas me escoltando por escadas e corredores secundários do castelo dizem o contrário. Esses braceletes que me impedem de me curar dizem o contrário. Você terá que usar mais do que seu charme para se explicar, velho amigo. — A mágoa de Maya era tamanha que ela virou as costas ao rei e caminhou até a janela, fazendo com que sua trança balançasse. Os cabelos começavam a se rebelar, querendo a liberdade. — Eu teria vindo se você tivesse pedido. Não deixei de ser leal. Foram vocês que me abandonaram e me exilaram.

— Eu não a exilei, Maya. Não de fato.

— Sim, me exilou. O fato de eu ter ignorado e permanecido boa parte do meu tempo no reino não muda isso. Jurei a meu pai que protegeria Encantare, e é o que tenho feito, mesmo das sombras.

— Eu sei. — As palavras do rei quase a fizeram se voltar para ele, mas manteve a postura. — Sou o rei. É meu dever saber o que acontece em minhas terras. Entenda, mesmo ciente de que você permaneceu depois de eu ter decretado o seu exílio, nunca ordenei que a caçassem e a trouxessem para mim. Nunca. Ninguém além de Adrian e dos Guardiões sabem a razão do seu exílio. Diferente do que pensa, eu a protegi.

— E, ainda assim, fui caçada e trazida para você.

Mirthan manteve uma distância de dez passos. Maya estava certa, e ele teria que ser paciente. Ele sabia que o que mais a machucava eram os braceletes. Uma ordem que ele jamais dera e que não poderia desfazer enquanto quem a aprisionou não chegasse ao salão. Somente quem fechava o bracelete era capaz de abri-lo.

— Queria que Merlina tivesse conseguido avisá-la sobre o que foi decidido antes que ele a encontrasse. — Seu tom era pesaroso. Como recuperaria a confiança de Maya agora?

A frase fez com que a feiticeira se virasse bruscamente.

— Me avisar sobre o quê?

— Sobre a nossa aliança.

